

O QUE SONHA UMA CIDADE QUANDO DORME

O que seria uma cidade, essa “estranha senhora”, que às vezes pode nos sorrir, mas também é capaz de nos devorar? Ela

poderia sonhar sonhos coletivos, verter pelas ruas seus rios de lembranças, como fazem, em agosto, os grupos de Catopês, Marujos e Caboclinhos? A cidade não é só um agrupamento de casas, prédios, igrejas, praças, ruas e pontes. Cada cidade respira a sua própria história e tenta contá-la nem que para isso tenhamos que penetrar no sonho secreto de cada uma.

Sólon foi um aristocrata, poeta e estadista que viveu na Grécia entre 640/558 a.C. Durante o seu governo, instituiu a solidariedade entre as classes sociais, o tratamento justo para cada cidadão e ainda aboliu a escravidão por dívidas. “O mal social é como uma doença contagiosa que se estende a toda a cidade. E atinge sem vacilar qualquer cidade onde surjam discórdias entre os cidadãos” (pág. 123), ensinava Sólon aos

seus contemporâneos.

Os gregos achavam que a melhor maneira de organizar uma cidade era usando a inteligência, porque a força acabaria por destruir o sentimento, criando uma violência permanente. Era uma visão fatalista, evidentemente, porque pressupunha que o homem já nascia mau. Mas, se para os gregos a cidade era o lugar das diferenças, para Maquiavel (1469/1527), por exemplo, se nada funcionasse em uma cidade, a sociedade encontraria o caos. Para ele, um príncipe podia qualquer coisa se tivesse como meta a felicidade de seu povo. E, na nossa contemporaneidade, a cidade, que se assemelha a um labirinto, passou a ser o espaço do anonimato e também da incerteza.

A solidão, acompanhada da incerteza, está presente na obra do roteirista inglês, Neil Gaiman, que criou, na década de 1980, um dos personagens mais fascinantes das histórias em quadrinhos: Sandman. Ele não é exatamente um herói, mas uma espécie de anti-herói, já que não se propõe a nenhum sacrifício, voluntário ou involuntário. Quer



Capa da Edição número 51, *Revista Sandman*. Rio de Janeiro: Globo, 1987

apenas nos mostrar a nossa ignorância e a nossa fragilidade.

Sandman, ou *O Mestre dos Sonhos*, é baseada num conto de Hans Andersen (1805/1875). No conto, o personagem sopra uma areia mágica nos olhos das pessoas para fazê-las adormecer e, assim, levá-las ao sonho ou pesadelo.

No episódio *O Fim do Mundo: Uma Casa Gratuita*, o personagem surge dentro da história para narrar uma outra: *Um Conto de Duas Cidades*, e admite não saber quantas cidades existem na sua própria narrativa. “Quem de nós não sonha? Quem não guarda para si sonhos que são só seus?” Essa é uma das muitas perguntas de Gaiman aos seus leitores.

Ele brinca com os mitos e o imaginário. O dono da taverna perdida na estrada é um centauro. Figura que, na mitologia grega, tanto pode significar forças em descontrole como a dualidade entre matéria e espírito, instinto e razão, de forma violenta ou harmoniosa. E a tempestade de neve que reúne todos na taverna é uma espécie de passagem entre o que seria real e o que seria imaginário, e a vida e a morte. Fica difícil distinguir a diferença. Quem está na taverna não sabe se vive um sonho e, muito menos, o que é sonho e o que é real.

O psicanalista Roberto Sicuteri diz que o sonho, para o homem, é a voz potente de seu espírito e de sua profundidade interior. Isso porque, no sonho, não haveria espaço para a verdade ou inverdade, lógica ou fantasia. “No sonho está o homem inteiro, com tudo aquilo que ele sabe conscientemente e com tudo aquilo que ele não sabe e talvez possa não saber jamais”. (pág. 24).

Para ele, se a criação (bíblica) do mundo e o próprio homem não são nunca outra coisa que um sonho, então essa seria a nossa indestrutível verdade. E tudo existiria, como

existe o homem. Isso porque existe o homem que sonha.

Na história de Neil Gaiman, Brant Tucker viaja de carro com sua amiga Charlene para Chicago. Enquanto ela dorme, ele dirige. Num certo trecho da estrada, passa por uma placa que anuncia a cidade Fim do Mundo. Ele continua a dirigir e percebe que começou a nevar, embora não seja inverno. Assusta-se com alguma coisa que atravessa a estrada, perde o controle do carro e bate em uma árvore. Charlene desmaia e Brant a carrega até a taverna. Se ele sonha o seu sonho ou o de Charlene, é algo que ele jamais saberá.

Jung (1875/1961) diz que o sonho é uma porta estreita, dissimulada naquilo que a nossa alma teria de mais obscuro e íntimo. “Toda consciência do eu é esparsa. Distingue fatos isolados procedendo por separação. Só o que pode entrar em relação com o eu é percebido” (pág. 360).

Ele acreditava que, através do sonho, poderíamos penetrar, de forma invertida, no ser humano mais profundo, verdadeiro, mergulhado na penumbra do que ele chama de “noite original”. Seria o homem enquanto ainda estava no todo e o todo nele, ou seja, a natureza despida de personalidade. Jung via o sonho chegando dessas profundezas, onde o Universo ainda estava unificado, não importando qual aparência ele fosse assumir depois.

Estava convencido de que os sonhos não eram invenções intencionais e voluntárias, mas, pelo contrário, fenômenos naturais que não iriam ser diferentes daquilo que representassem. Ou seja, para Jung, os sonhos não iludiam, não mentiam, não deformavam e muito menos encobriam alguma coisa. Eles apenas expressariam o que o eu não saberia e não compreenderia.

E, sem compreender se dorme ou não, Brant vai ouvir a narrativa, enquanto espera na

taverna o fim da tempestade de neve. Nesse momento, há a mudança na estrutura dos desenhos. Se antes eles eram mais próximos da representação humana, passam a ser caricaturais. Obra dos desenhistas Alec Stevens e Bryan Talbot. Mas, em Sandman, o que importa mesmo é o roteiro de Gaiman.

Na nova história, um homem comum perdido no cotidiano de uma metrópole. Todos os dias sai de casa pela manhã, pega o metrô, trabalha e só retorna à noite. Robert é o seu nome. Enquanto seus colegas frequentam o restaurante da empresa no horário de almoço, ele retira da pasta um sanduíche e, por uma hora, caminha pela cidade. É o seu momento de “realidade”. Conhece cada esquina, árvore, prédio, ruas, praças e avenidas.

Num desses passeios, descobre uma estrada prateada saindo de um mercado. Tenta caminhar por ela, mas acaba em um beco. Robert volta ao escritório, que agora está vazio, passa a tarde trabalhando e volta à estação do metrô, que já não transporta nenhum passageiro além dele. Ele pensa ter-se enganado de metrô, desce em uma parada e vê-se dentro de uma outra cidade. Não existem mais as referências que o faziam seguro em seu mundo, e ele não é mais conhecedor de si mesmo nem da sua realidade.

A cidade vive na penumbra, seus edifícios estão fechados, as lojas desertas e os habitantes, quando surgem, são esboços luminosos que logo desaparecem. Robert não consegue encontrar o caminho de volta. Encontra-se perdido numa espécie de labirinto e falta-lhe o fio de Ariadne para reconduzi-lo.

Nessa busca pela identidade perdida, encontra um velho que também se diz buscando a saída.

Talvez a cidade seja uma coisa viva... cada cidade é uma coleção de vidas e prédios e tem sua própria personalidade... e, se ela tem personalidade, talvez tenha alma, talvez sonhe. É nisto que acredito

to termos chegado... estamos nos sonhos da cidade. Por essa razão alguns lugares pairam à beira do reconhecimento

diz o velho a Robert.

Os vultos que Robert via cintilarem e desaparecerem tanto podiam ser as pessoas que a cidade sonhava como podiam, por um momento, terem entrado nos sonhos da cidade, assim como se achavam ele e o velho. Mas qual seria a saída? Como voltar ao mundo “real”? Talvez, torcendo para que a cidade acordasse.

E assim, enquanto a cidade não desperta, Robert se agarra ao que pensa levá-lo ao mundo “real”. Um indício, uma fresta, qualquer pista que pudesse ajudá-lo. Nessa busca pelas referências, só encontra janelas fechadas, muros, becos vazios e ruas que não levam a lugar nenhum. E fica, de acordo com a sua contagem, vagando durante meses pela cidade adormecida.

Numa dessas caminhadas de reconhecimento, encontra uma mulher diante de uma fonte cercada de flores no alto de um edifício. Ela também quer saber se dorme ou está acordada e ele lhe responde: “O quanto sou real, já não posso mais dizer, mas nós estamos na cidade, ou foi o que me garantiram”, reflete, numa referência ao velho que vira desaparecer em um beco. Gaiman não deixa claro se o velho encontra a sua saída ou se mergulha num outro sonho ou pesadelo.

Enquanto conversa com a moça do prédio, Robert vê uma porta ao fundo. Ele a reconhece, sabe que passou por ela outras vezes. E, quando a moça lhe estende a mão, foge, atirando-se pela porta entreaberta. Robert percebe que, se tivesse permitido que a desconhecida o tocasse, talvez poderia entrar em outro sonho. Essa é uma das muitas belas metáforas de Gaiman. Na mitologia, Morfeu era filho de Hipnos, o deus do sonho, e podia moldar-se, assumir qualquer forma humana.

Gaiman termina o episódio com o narrador contando a Brant que encontrara Robert vivendo em um povoado isolado na Escócia. Robert parece estar fugindo tanto do seu passado quanto do seu futuro, ao dizer: “Se a cidade estava sonhando, então ela estava dormindo, e eu não temo cidades que dormem, esparramadas e inconscientes ao redor de seus rios e estuários, como gatos ao luar. Cidades adormecidas são criaturas domadas e inofensivas. O que eu temo é o dia em que as cidades acordarão, o dia em que as cidades irão se levantar”, disse o assustado Robert, antes de desaparecer entre as poucas casas do povoado.

Sabemos que um signo nunca vem sozinho, ele está sempre acompanhado, e que também ele não pode representar o objeto em sua totalidade. O máximo que podemos distinguir são alguns dos seus aspectos. Portanto, se as cidades podem sonhar seus sonhos inofensivos, é possível que também possamos sonhar junto com elas.

Quando assistimos ao cortejo dos Catopês, Marujos e Caboclinhos, com seus tambores, danças, cantos e fitas coloridas, estamos, de certa forma, penetrando no

sonho de cada um deles. E, ao girarem em volta do mastro, em frente à Igreja do Rosário, Catopês, Marujos e Caboclinhos invadem o sonho deles mesmos, perdido na ancestralidade.

Quem acompanha o cortejo e presta atenção aos rituais, sabe que ali se encontra algo que vai muito além da representação “folclórica”. É como se Montes Claros também sonhasse e, talvez, batuques e cores sejam um dos símbolos do seu sonho que quer se manter acordado, apesar da nossa festejada modernidade.

O compositor Paulo César Pinheiro disse que “um olhar espiando o vazio é lembrança”. Seu samba, Alento, é revelador daquilo que não sabemos:

“... um desvio na curva do tempo é distância
um poeta que acaba vadio é destino
a vida da gente é mistério
a estrada do tempo é segredo
o sonho perdido é espelho
o alento de tudo é canção
o fio do enredo é mentira
a história do mundo é brinquedo
o verso do samba é conselho
e tudo que eu disse é ilusão”.

REFERÊNCIAS

GAIMAN, Neil. Sandman. Número 51, Globo, RJ, 1987.

JAEGGER, Werner. A Formação do Homem Grego. In: Paidéia. ed. Martins Fontes/UNB, Brasília, 1989.

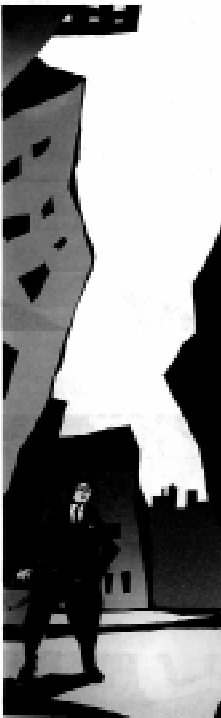
JUNG, Carl Gustave. Memórias, Sonhos, Reflexões. 6.

ed., Nova Fronteira, RJ, 1975.

SICUTERI, Roberto. Lilith, A Lua Negra. 6. ed., Paz e Terra, RJ, 1998.

Música: Alento. Compositor: Paulo César Pinheiro. Intérprete: Paulinho da Viola. CD: Bebadachama. Gravadora: BMG, SP, 1997.

DE TRAZER EM TRAZER, O CORAÇÃO DE
SANTANA, SE VIBRA, E PÁRA ESCUZA,
E AS MÃOS BATEM. JORNAL DO DIA, LÁ,
E NOTE, SEM SOL DE DIA.



AS ESTRELAS DO ESTURRUBAL, VINDAS DO
DO ANTES, SÃO, SÃO, SÃO, SÃO, SÃO,
COMO O DIA, MANTENDO O DIA, MANTENDO O DIA,
ON FOLTA, COMTE ASSOCIACAMENTE
INDIAGAR, MAS DRAMA PRIMA DO
SOMAS, BASTA, BASTA, BASTA, BASTA,
INDIAGAR, MAS DRAMA PRIMA DO
SOMAS, BASTA, BASTA, BASTA, BASTA,
INDIAGAR, MAS DRAMA PRIMA DO
SOMAS, BASTA, BASTA, BASTA, BASTA,



SEM AINDA SER, COMO DE ENCONTRO, A ESTRELA
DE ANTES, PELA QUAL, SEM, SEM, SEM, SEM,
SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM,

SEM AINDA SER, COMO DE ENCONTRO, A ESTRELA
DE ANTES, PELA QUAL, SEM, SEM, SEM, SEM,
SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM,



SEM AINDA SER, COMO DE ENCONTRO, A ESTRELA
DE ANTES, PELA QUAL, SEM, SEM, SEM, SEM,
SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM,



SEM AINDA SER, COMO DE ENCONTRO, A ESTRELA
DE ANTES, PELA QUAL, SEM, SEM, SEM, SEM,
SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM,



SEM AINDA SER, COMO DE ENCONTRO, A ESTRELA
DE ANTES, PELA QUAL, SEM, SEM, SEM, SEM,
SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM,



3 ANOS DE ANOS, ATÉ ROBERT, "E ANOS DE ANOS, ATÉ"

SEM AINDA SER, COMO DE ENCONTRO, A ESTRELA
DE ANTES, PELA QUAL, SEM, SEM, SEM, SEM,
SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM,



SEM AINDA SER, COMO DE ENCONTRO, A ESTRELA
DE ANTES, PELA QUAL, SEM, SEM, SEM, SEM,
SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM,

SEM AINDA SER, COMO DE ENCONTRO, A ESTRELA
DE ANTES, PELA QUAL, SEM, SEM, SEM, SEM,
SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM,

SEM AINDA SER, COMO DE ENCONTRO, A ESTRELA
DE ANTES, PELA QUAL, SEM, SEM, SEM, SEM,
SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM,



SEM AINDA SER, COMO DE ENCONTRO, A ESTRELA
DE ANTES, PELA QUAL, SEM, SEM, SEM, SEM,
SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM,



SEM AINDA SER, COMO DE ENCONTRO, A ESTRELA
DE ANTES, PELA QUAL, SEM, SEM, SEM, SEM,
SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM,

SEM AINDA SER, COMO DE ENCONTRO, A ESTRELA
DE ANTES, PELA QUAL, SEM, SEM, SEM, SEM,
SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM,

SEM AINDA SER, COMO DE ENCONTRO, A ESTRELA
DE ANTES, PELA QUAL, SEM, SEM, SEM, SEM,
SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM,



SEM AINDA SER, COMO DE ENCONTRO, A ESTRELA
DE ANTES, PELA QUAL, SEM, SEM, SEM, SEM,
SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM,

SEM AINDA SER, COMO DE ENCONTRO, A ESTRELA
DE ANTES, PELA QUAL, SEM, SEM, SEM, SEM,
SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM, SEM,

